

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HOZIMAR LUAN CAVALCANTI MAIA

ENVELHECIMENTO FEMININO E PSICOGERONTOLOGIA: Uma análise do filme
“A Substância”

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

HOZIMAR LUAN CAVALCANTI MAIA

**ENVELHECIMENTO FEMININO E PSICOGERONTOLOGIA: Uma análise do filme
“A Substância”**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva.

HOZIMAR LUAN CAVALCANTI MAIA

**ENVELHECIMENTO FEMININO E PSICOGERONTOLOGIA: Uma análise do filme
“A Substância”**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 01/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: PROFA. ESP. NADYA RAVELLA SIEBRA DE BRITO SARAIVA

Membro: PROFA. ME. INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA / UNILEÃO

Membro: PROFA. ESP. LARISSA VASCONCELOS RODRIGUES / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

ENVELHECIMENTO FEMININO E PSICOGERONTOLOGIA: Uma análise do filme “A Substância”

Hozimar Luan Cavalcanti Maia¹
Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender como o filme “A Substância” (2024) relaciona-se com a psicogerontologia no que tange às discussões acerca do envelhecimento e estereótipos atribuídos às mulheres idosas. Por meio de uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório, realizou-se uma análise de conteúdo e filmica da obra, buscando compreender como o enredo e as personagens refletem estereótipos, conflitos identitários e impactos etaristas nas vivências das mulheres idosa. A discussão fundamenta-se em referenciais teóricos sobre envelhecimento, gênero e subjetividade, evidenciando a relação entre a cultura da juventude e a negação da velhice. Os resultados apontam que o filme representa o corpo envelhecido da mulher como espaço de resistência e sofrimento psíquico, denunciando a pressão estética e a exclusão social impostas às mulheres pela lógica capitalista e midiática. A análise permitiu identificar, ainda, a importância da psicogerontologia como campo de conhecimento capaz de promover um olhar humanizado sobre o envelhecer, valorizando a autonomia, a aceitação e a ressignificação da identidade feminina, além de contribuir para um melhor bem-estar psicológico da mulher idosa. Assim, o estudo contribui para o fortalecimento do debate sobre o envelhecimento ativo e para a desconstrução dos estigmas que ainda cercam a mulher idosa na contemporaneidade.

Palavras-chave: Envelhecimento feminino; Psicogerontologia; Etarismo; Estereótipo; Mulher Idosa.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: luancavalcantimaia@outlook.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: nadyabrito@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva biopsicossocial, a psicogerontologia, campo de estudo que entrelaça a psicologia e a gerontologia, dedica-se a compreender o complexo processo de envelhecimento humano, considerando a interação entre os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais do sujeito. Para tal, utiliza-se de uma abordagem holística que reconhece que a saúde de uma pessoa idosa não pode ser avaliada de forma fracionada, pois sua condição biológica afeta sua saúde mental e vice-versa, o que, por sua vez, impacta e é impactada pelas suas relações sociais e seu contexto de vida (Freitas; Py, 2022).

Obras cinematográficas que abordam o referido campo de estudo podem atuar como um poderoso espelho e agente na forma como a sociedade percebe a velhice, refletindo e/ou moldando estereótipos que cercam os idosos, ao mesmo tempo que pode desafiá-los. Em consonância ao exposto, o filme “A Substância” (2024), dirigido por Coralie Fargeat, é uma obra cinematográfica de “*body horror*” (“horror corporal” ou “horror biológico”) que transcende o gênero do terror para abordar questões profundas e relevantes relacionadas à psicogerontologia no que tange à representação da mulher em diferentes ciclos da vida, com mais destaque na velhice. Na trama, o espectador acompanha a vida de Elisabeth Sparkle, uma atriz renomada que, ao ser demitida de seu programa de aeróbica por ser considerada velha demais para a indústria do entretenimento, é apresentada a uma substância que promete restaurar sua juventude.

Assim, a partir dessa narrativa, o filme propõe uma reflexão crítica sobre como a sociedade contemporânea lida com a transição feminina da juventude para a velhice, evidenciando estereótipos, pressões estéticas e a marginalização da mulher idosa. Desta forma, o objeto de estudo desta pesquisa é a referida obra, emergindo a seguinte pergunta-problema: como o filme “A Substância” (2024) relaciona-se com a psicogerontologia no que tange as discussões acerca dos estereótipos atribuídos às mulheres idosas?

Esta escolha justifica-se, primeiramente, pela história de vida de seu autor, que cresceu tendo como referência as mulheres de sua família, em caráter e valores. Naturalmente, com o passar dos anos, estas envelheceram e tornaram-se idosas, e, assim, notou-se, durante a graduação, com mais ênfase no estudo da psicogerontologia, a necessidade de compreender os fenômenos biopsicossociais que perpassam esta fase da vida e como estas mulheres subjetivam estes fenômenos.

No campo acadêmico, a decisão de estudar o envelhecimento feminino justifica-se por ser uma oportunidade de ampliar as discussões interdisciplinares que envolvem psicologia e

gerontologia, tendo como base o cinema, já que, enquanto produto cultural, não apenas reflete, mas também produz estereótipos que influenciam comportamentos que impactam a saúde mental das mulheres idosas, tornando-se, assim, uma fonte valiosa para investigações científicas. Dessa forma, a análise do filme possibilita um diálogo com conceitos fundamentais da psicologia e gerontologia, oferecendo subsídios para pesquisas futuras afins.

Além disso, justifica-se este trabalho, também, pela relevância social de discutir o envelhecimento feminino em uma sociedade que busca e privilegia excessivamente a juventude ao mesmo passo em que invisibiliza a complexidade e pluralidade da mulher idosa ao produzir, por exemplo, a exclusão simbólica, a desvalorização da experiência de vida e o fortalecimento de estigmas que impactam diretamente a saúde mental dessas mulheres. Em adição, ressalta-se a importância social deste trabalho para a atual conjuntura acerca do envelhecimento populacional brasileira, visto que, segundo censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil cresceu em 57,4% a sua população idosa em comparação ao ano de 2010, chegando à 15,8% da população em geral (Secretaria de Comunicação Social, 2023). Assim, este trabalho propõe-se a contribuir para a produção de reflexões críticas que ultrapassem os limites acadêmicos e dialoguem com as transformações sociais em curso.

Por fim, adotou-se como objetivo geral desta pesquisa compreender como o filme “A Substância” (2024) relaciona-se com a psicogerontologia no que tange às discussões acerca do envelhecimento e estereótipos atribuídos à mulher idosa. Como objetivos específicos, arbitrou-se por analisar a relação entre a psicogerontologia e envelhecimento; investigar a relação entre gênero, envelhecimento feminino e estereótipos; e demonstrar, a partir do longa, como a psicogerontologia pode contribuir para a desconstrução de estereótipos etários femininos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

No contexto deste estudo, a metodologia empregada é essencialmente de natureza básica pura, descritiva e qualitativa, uma vez que busca produzir um conhecimento que capture os significados e simbolismos sobre a mulher idosa presentes na referida obra cinematográfica (Prodanov, Freitas, 2013; Valle; Ferreira, 2025).

Quanto ao método de procedimento, foi adotado o monográfico, que permite a análise aprofundada de um objeto específico, neste caso o referido filme. Este método é especialmente utilizado para estudar, com profundidade e detalhamento, um tema ou situação específica,

buscando compreender sua totalidade e particularidades, sendo relevante para trabalhos que demandam uma investigação crítica e minuciosa de uma narrativa cultural ou artística (Prodanov, Freitas, 2013).

Como estratégias metodológicas complementares, combina-se a análise de conteúdo e a análise fílmica. No que se refere à análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), caracterizando-se por organizar e categorizar os dados de forma sistemática, através da leitura flutuante, possibilita-se a construção de indicadores que relacionam conteúdos manifestos e latentes à fenômenos sociais (Valle; Ferreira, 2025). Assim, sua aplicação permitiu sistematizar categorias temáticas emergentes do filme e dialogá-las com a psicogerontologia, possibilitando a compreensão de como a narrativa fílmica reflete e reproduz discursos sociais sobre o envelhecimento feminino, garantindo ao estudo o equilíbrio entre rigor metodológico e interpretação crítica, além de assegurar a validade científica da análise ao ir além das impressões subjetivas do pesquisador.

Já a análise fílmica, por sua vez, foi fundamental para compreender o filme como objeto artístico singular, atentando-se para seus aspectos estéticos e narrativos, visto que tal abordagem se pauta na decomposição do filme em unidades, como planos, imagens, sons e sequências, que posteriormente são rearticuladas para a interpretação dos sentidos nele presentes (Silva, 2024), evidenciando como as escolhas narrativas e visuais estruturam significados específicos. No caso deste artigo, essa perspectiva possibilitou examinar como a estética do “*body horror*” foi utilizada para provocar reflexões sobre a mulher idosa, destacando os simbolismos presentes na obra. Dessa maneira, a análise fílmica, ao valorizar a especificidade do cinema e evitar generalizações, forneceu um suporte metodológico consistente, capaz de articular a experiência estética com a investigação científica.

Por fim, acerca das fontes de pesquisa, a produção deste artigo iniciou-se após levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Periódico CAPES, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos de Psicologia (PePsic), Google Acadêmico e Repositórios Institucionais, arbitrando-se, como critérios de inclusão, publicações dos últimos 11 anos que discorram sobre mulher idosa, envelhecimento, psicologia, psicogerontologia, etarismo e/ou estereótipos etários; e, como critério de exclusão, as publicações que não estejam abarcadas pelos critérios de inclusão. Como descritores, foram utilizados os seguintes termos: “envelhecimento”, “psicogerontologia”, “psicologia”, “gênero”, “mulher idosa”, “estereótipos” e “etarismo”.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Psicogerontologia e envelhecimento: diálogos possíveis

O envelhecimento, a partir da perspectiva psicogerontológica, é compreendido como um processo multidimensional envolvendo perdas, ganhos e compensações, em que objetiva-se ampliar o olhar mediante o sujeito para além do modelo biomédico no que tange o desenvolvimento humano, destacando-se que hábitos de saúde, relações sociais e experiências de vida influenciam fortemente a forma como cada pessoa experiencia a velhice (Papalia; Martorell, 2022). Desta forma, este campo de estudo busca desmistificar a ideia de que o envelhecimento é um processo unicamente de declínio, destacando a complexidade e diversidade das experiências das pessoas idosas ao promover o bem-estar, a qualidade de vida e o desenvolvimento contínuo do sujeito, reconhecendo a velhice como uma etapa única, importante e necessária para ampla compreensão da vida humana (Dawalibi *et al.*, 2013).

Nesse sentido, o entrelaçamento entre envelhecimento e psicogerontologia se fortifica ao distinguir as mudanças consideradas inevitáveis ao processo de envelhecer das que podem ser influenciadas pelo estilo de vida do sujeito, nomeados de envelhecimento primário e secundário (Berger, 2017; Lessa, 2021). O envelhecimento primário, ou senescência, refere-se às mudanças biológicas universais e irreversíveis que todos estão sujeitos, caracterizadas por alterações fisiológicas progressivas que não são resultado de doenças, mas sim do processo natural do envelhecimento, como por exemplo surgimento de rugas, perda de elasticidade da pele, diminuição da massa muscular, da estatura e da densidade óssea. Já o envelhecimento secundário, ou senilidade, engloba os declínios resultantes de doenças, hábitos de vida e fatores ambientais, muitos dos quais podem, portanto, serem evitados, remediados, mitigados ou revertidos (Freitas; Py, 2022).

Outro conceito-chave desta conjuntura é a resiliência, sendo a capacidade, a partir da elaboração de estratégias positivas de enfrentamento ao sofrimento, de adaptar-se ativamente às adversidades, em especial ao lidar com as perdas e desafios inerentes à velhice, como por exemplo no enfrentamento ao luto pela perda de entes queridos e/ou amigos, da saúde/jovialidade, ou de papéis sociais que outrora ocuparam, destacando-se que o exposto é crucial para o bem-estar psicológico do idoso (Freitas; Py, 2022). Diante disso, a psicogerontologia estuda como os idosos desenvolvem e mantêm a resiliência para preservar sua qualidade de vida, mesmo diante de circunstâncias adversas, ressaltando que, quando o idoso consegue ressignificar a velhice de maneira positiva, há maior possibilidade de enfrentamento saudável às perdas e/ou processos de sofrimento psíquico (Berger, 2017).

Um outro ponto de investigação da psicogerontologia são as mudanças cognitivas decorrentes do envelhecimento. Autores demonstram que a cognição na velhice não é um conceito monolítico, já que algumas habilidades cognitivas podem diminuir nessa fase da vida, mas outras, como a sabedoria e a experiência, podem se aprimorar (Papalia; Martorell, 2022; Berger, 2017; Pereira; Oliveira, 2024). Em complemento o exposto, a reserva cognitiva, conceituada como capacidade do indivíduo de utilizar-se de forma mais eficiente das suas redes neurais para desenvolver estratégias alternativas para compensar perdas, é essencial para o processo de envelhecimento saudável, visto que, ao envelhecer, uma boa reserva cognitiva alicerça boas estratégias de enfrentamento aos processos de perdas decorrentes dessa conjuntura, sejam de âmbito primário ou secundário (Zibetti *et al.*, 2010). Assim, quanto mais estimula-se a cognição ao longo da vida, mais provável é de essas estratégias surgirem com mais facilidade e assertividade, resultando em novos aprendizados para esse sujeito idoso. Portanto, este campo de estudo destaca que o cérebro do idoso, apesar de mais rígido que em relação a outrora, é plástico e capaz de aprender continuamente, desafiando a visão social de que o declínio cognitivo no idoso é inevitável, sinônimo de adoecimento mental e precisa ser evitado a todo custo (Malloy-Diniz; Fuentes; Cosenza, 2013).

Além disso, a psicogerontologia também enfatiza a importância dos fatores psicossociais na adaptação à velhice, destacando que o suporte familiar, a participação comunitária e a manutenção de vínculos afetivos constituem elementos centrais para o bem-estar psicológico do sujeito, funcionando como fatores de proteção contra o isolamento e o adoecimento psíquico, como por exemplo a depressão na idade avançada (Freitas; Py, 2022). Em meio ao exposto surge o envelhecimento ativo, em que a pessoa idosa participa ativamente de atividades sociais, econômicas, culturais, espirituais e cívicas na sociedade, mantendo-se engajada com a vida (Forner; Alves, 2020). Desta forma, ao ir além da saúde física, enfatiza-se o bem-estar mental e social do idoso como essenciais para sua autonomia e independência, reduzindo-se os fatores de riscos para sua saúde e rompendo-se com a visão passiva do envelhecimento ao introduzi-lo como um agente ativo em seu próprio processo de envelhecer (Ribeiro, 2015).

Outro elemento relevante para a psicogerontologia é a espiritualidade/religiosidade, no que tange o coping religioso positivo, que se torna recurso importante perante a finitude da vida e os desafios característicos da velhice. Nesse sentido, o coping religioso refere-se a estratégias de enfrentamento positivas perpassadas por crenças, práticas espirituais e/ou apoio religioso que ajudam idosos a lidar com estressores provenientes do processo de envelhecimento, como perdas funcionais, doenças e/ou isolamento social (Silva *et al.*, 2025). Pesquisas indicam que

idosos hospitalizados com elevado uso de coping religioso positivo apresentam melhor ajuste emocional e maior sensação de segurança interior, mesmo diante de condições de saúde desfavoráveis à integridade mental do sujeito (Esperandio *et al.*, 2019). Além disso, o enfrentamento religioso em contextos desafiadores tem sido descrito como um recurso que ameniza o sofrimento psicológico, oferecendo significado, esperança, aceitação e ressignificação da velhice (Santos *et al.*, 2013). Portanto, esse tipo de coping pode funcionar como mecanismo de regulação emocional, reduzindo o impacto negativo do estresse, ansiedade e/ou depressão associados ao envelhecimento (Papalia; Martorell, 2022).

2.2.2 Envelhecimento feminino: gênero e estereótipos

O conceito de estereótipo pode ser definido como um conjunto de crenças compartilhadas socialmente acerca de determinados grupos que simplificam a realidade subjetiva do sujeito e buscam organizar o mundo social por meio da atribuição de características generalizadas para todos os indivíduos desses grupos, podendo resultar em preconceitos e/ou discriminações. Tais crenças, ainda que sirvam para orientar a percepção social, tornam-se resistentes a mudanças e naturalizam violências perante esses indivíduos, atribuindo-os, por exemplo, um papel, (des)valor ou comportamento específico como inato àquele sujeito, o que pode acarretar em sofrimento psíquico (Torres *et al.*, 2016).

Ao investigar-se os estereótipos sobre idosos, identifica-se que há uma dissociação entre crenças pessoais e coletivas, enquanto individualmente os sujeitos tendem a expressar visões mais positivas sobre o idoso, coletivamente predominam concepções negativas, associadas à decadência, obsolescência, inutilidade, adoecimento e/ou dependência. Essa ambivalência reflete o conflito entre a valorização simbólica da experiência e a rejeição social da velhice, sobretudo em culturas que supervalorizam a juventude (Vieira; Lima, 2015).

Associado aos estereótipos surge o preconceito relacionados a pessoa idosa: o etarismo a idosos, conceituado como uma forma de discriminação que se manifesta na desvalorização da velhice e na exclusão das pessoas idosas, afetando de modo particular as mulheres, podendo ocorrer em níveis institucionais, interpessoais e até autodirigidos, quando o próprio indivíduo internaliza estereótipos negativos sobre envelhecer. Essa discriminação, que é socialmente construída, gera impactos significativos na saúde mental das pessoas idosas, como sentimentos de inutilidade, isolamento e baixa autoestima, podendo acarretar/intensificar quadros de ansiedade e depressão. Assim, em uma cultura que exalta a juventude, especialmente nas mídias

sociais, as mulheres idosas são duplamente atingidas, pela idade e pelo gênero, sofrendo a pressão estética e o medo da invisibilidade social (Marques; Luna, 2025).

Deste modo, o etarismo feminino é um fenômeno estrutural e interseccional, resultante da sobreposição de discriminações por idade e gênero, em que, historicamente, o corpo e o papel da mulher foram definidos, dentre outros aspectos, pela capacidade reprodutiva, o que faz com que o envelhecimento seja interpretado como perda de valor social. É importante ressaltar que o etarismo contra a mulher idosa tem raízes patriarcais e culturais profundas, que a afastam do mercado de trabalho e a tornam mais vulneráveis à violências como a doméstica, patrimonial e psicológica, realidade que escancara a necessidade de desconstrução desses estereótipos/etarismo que marginalizam a mulher idosa e de meia idade, para dar lugar a valorização da mulher idosa como sujeito ativo, legítimo e plural na sociedade (Lopes; Holanda, 2023).

No que tange o envelhecimento populacional no Brasil e no mundo, é uma de suas características centrais a feminização da velhice, ou seja, há um caráter feminino predominante nesse panorama (Maximiano-Barreto *et al.*, 2019; Wollmann *et al.*, 2021; Almeida *et al.*, 2015), visto que esse fenômeno é determinado pela maior longevidade feminina em comparação à masculina, o que implica que as mulheres constituem a maior parte da população idosa global (Maximiano-Barreto *et al.*, 2019; Miani; Cordeiro, 2023). Contudo, como a psicogerontologia enfatiza, o envelhecer é um processo multifacetado e complexo (Novo; Prada, 2025; Oliveira *et al.*, 2023) e essa longevidade feminina acarreta uma série de vulnerabilidades e desafios específicos que vão além dos aspectos biológicos do sujeito (Neri, 2012).

Nesse sentido, a experiência do envelhecimento é profundamente moldada pela categoria de gênero, que reflete as construções sociais, históricas e culturais de masculinidade e feminilidade (Moreira; Collares-da-Rocha; Fornasier, 2021). Tradicionalmente, os papéis de gênero na sociedade estabeleceram uma nítida divisão entre o domínio público, associado ao masculino, e o domínio privado ou doméstico, visto como a esfera de excelência do feminino (Costa; Ribeiro; Gatto, 2022). Essa vinculação histórica ao lar, à família e ao cuidado do outro, muitas vezes padronizada por uma sociedade patriarcal (Daniel; Simoes; Monteiro, 2012), influencia diretamente o modo como a mulher idosa se percebe e se adapta às transformações dessa fase da vida.

Ademais, os estereótipos de gênero atuam sobre o envelhecimento feminino, visto que as sociedades ocidentais supervalorizam a tríade da perfeição física: juventude, beleza e saúde (Oliveira; Neves; Silva, 2018), fazendo com que a mulher idosa seja julgada com maior rigor pela aparência, sofrendo discriminação mais intensa e evidente em comparação aos homens

(Martins, 2013). Desta forma, a imagem refletida no espelho, marcada por rugas e alterações corporais, pode gerar um sofrimento psíquico intenso e abalar a autoestima, fazendo com que a mulher sinta o desencontro entre a representação do que é uma mulher, construída socialmente, e o corpo envelhecido, chegando a depreciar sua própria imagem (Miani; Cordeiro, 2023).

Ainda, a autopercepção do envelhecimento feminino é frequentemente marcada por uma série de perdas e vulnerabilidades (Silva *et al.*, 2024). As mulheres têm maior probabilidade de enfrentar problemas como baixos níveis de renda e escolaridade, maior risco de trabalho informal, e são mais suscetíveis a doenças crônicas e ao isolamento social ou transtornos emocionais advindos da viuvez e da aposentadoria (Cozzolino; Gatti; Salles, 2019; Maximiano-Barreto *et al.*, 2019). Tais alterações biopsicosocioculturais, como as que acompanham o climatério e a menopausa, são percebidas por muitas mulheres de meia idade como marcos negativos (Ferreira *et al.*, 2013), associando o envelhecer a perdas de autonomia e declínio da saúde (Carrara; Vinagre; Pereira, 2020), o que pode se manifestar em eventos como a aposentadoria ou o comprometimento da saúde física.

Não obstante, a despeito das dificuldades, os papéis tradicionais de cuidado persistem, e as mulheres são frequentemente convocadas a assumir múltiplas responsabilidades que as sobrecarregam (Souto; Moreira, 2021). O cuidado com a prole e a família tem sido historicamente destinado às mulheres e, na velhice, elas continuam atuando como mantenedoras do lar e provedoras de cuidados aos netos e parentes, mesmo que seja em menor intensidade em comparação com a juventude. Essa dedicação quase que exclusiva, muitas vezes o é, ao espaço privado reforça o vínculo social no âmbito familiar, mas limita sua participação no espaço público, intensificando a vulnerabilidade biopsicossocial (Moreira; Collares-da-Rocha; Fornasier, 2021).

Em contrapartida, quando se observa o engajamento em atividades, o gênero demonstra influenciar em padrões de estilo de vida ativos, um conceito crucial na psicogerontologia para garantir o bem-estar e a independência do idoso (Ribeiro *et al.*, 2009). Estudos indicam que, enquanto os homens tendem a se engajar mais em atividades físicas, as mulheres relatam maior envolvimento com atividades ocupacionais e redes de contatos sociais (Bonalume *et al.*, 2023; Cruz; Bernal; Claro, 2018). Essa diferença de engajamento corrobora a influência do contexto histórico e cultural na determinação do estilo de vida, organizando a prática de atividades segundo concepções de gênero.

Em contrapartida, o envelhecer também se manifesta como um período de novas conquistas e libertação para muitas mulheres, desafiando a visão de que a velhice é apenas um

período de perdas (Silveira; Machado; Silva, 2025). Com a diminuição, por exemplo, das obrigações da maternidade e a conquista da independência econômica pela aposentadoria, a mulher idosa pode experimentar um sentimento de liberdade e autonomia, tendo mais tempo para o autocuidado e a realização de desejos postergados (Novo; Prada, 2025).

Embora a velhice não se resuma a perdas, a dificuldade em reconhecer e assumir a condição de pessoa idosa é um reflexo direto do preconceito social arraigado. Essa relutância em se autodenominar velha frequentemente se deve ao teor estigmatizado que o termo carrega socialmente (Miani; Cordeiro, 2023). Contudo, as narrativas das mulheres revelam que, ao longo do tempo, elas adquirem maior experiência, aprendizado e autoconhecimento, permitindo-lhes adaptar-se e encontrar satisfação geral com a vida, um aspecto fundamental para o conceito de velhice bem-sucedida (Silveira; Machado; Silva, 2025).

Portanto, a psicogerontologia desempenha um papel vital na desconstrução desses estereótipos e no apoio à mulher idosa (Maximiano-Barreto *et al.*, 2019). Ao oferecer espaços de escuta, como grupos de convivência, é possível promover a desnaturalização de crenças e mitos que rodeiam o envelhecimento (Silveira; Machado; Silva, 2025). Tais espaços permitem que as idosas elaborem seus lutos, medos e ressignifiquem a velhice de maneira positiva, ativando a resiliência, esta crucial para o bem-estar psicológico e a capacidade de adaptação às adversidades inerentes à essa etapa da vida (Freitas; Py, 2022; Silveira; Machado; Silva, 2025).

Em síntese, o envelhecimento feminino é um fenômeno complexo que se desdobra entre as imposições culturais e a capacidade individual de reinvenção (Moreira; Collares-da-Rocha; Fornasier, 2021). Os estereótipos de gênero, especialmente a busca pela juventude e a divisão dos papéis sociais, expõem as mulheres idosas a maiores vulnerabilidades sociais e emocionais (Maximiano-Barreto *et al.*, 2019). Assim, complementa-se o diálogo entre envelhecimento feminino e psicogerontologia ao demonstrar a urgência de intervenções que promovam o empoderamento feminino, minimizando as desigualdades e garantindo que o aumento da longevidade seja acompanhado da tão almejada qualidade de vida, ou seja, de vida aos anos (Ribeiro; Schutz, 2019).

2.2.3 Psicogerontologia e “A Substância”: desconstruindo estereótipos etários femininos

O filme “A Substância” (2024), dirigido por Coralie Fargeat, apresenta uma narrativa que entrelaça o horror corporal e a crítica social, explorando de modo simbólico e visceral as pressões impostas às mulheres diante do envelhecimento. A trama acompanha Elisabeth Sparkle, uma estrela de um programa televisivo de aeróbica que, ao ser demitida por não mais

se enquadrar no padrão de juventude exigido pela mídia, é apresentada a uma misteriosa substância capaz de regenerar seu corpo e criar uma versão jovem de si mesma, nomeada de Sue. O enredo, que se desdobra em uma tensão entre corpo, identidade e tempo, torna-se um campo fértil para refletir as dinâmicas psicossociais que atravessam o envelhecimento feminino.

Assim, após leitura flutuante baseada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), foram arbitradas três categorias temáticas para a análise fílmica: (1) estereótipos femininos, (2) corpo e etarismo e (3) padrões de beleza e envelhecimento, em que as cenas selecionadas representam momentos-chave que condensam os discursos sociais sobre a velhice e o feminino, permitindo relacioná-las às categorias e aos conceitos abordados nos tópicos anteriores, especialmente a psicogerontologia e o envelhecimento feminino, conforme indicado no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 - Categorias de análise, descrição das cenas e minutagens correspondentes do filme “A Substância” (2024)

Categoria Temática	Descrição da Cena	Minutagem
Estereótipos femininos	Elisabeth apresenta seu programa de aeróbica “ <i>Sparkle Your Life</i> ”, incentivando o público com frases que reforçam padrões corporais e a busca pela perfeição física. A sequência evidencia a pressão estética e o papel da mulher como espetáculo social.	04 min 26 s – 05 min 25 s
	Elisabeth escuta, escondida em uma cabine do banheiro masculino, executivos discutindo sua substituição por uma mulher mais jovem e “atraente”, revelando o sexismo e o valor social atrelado à juventude feminina.	06 min 24 s – 07 min 08 s
Corpo e etarismo	Elisabeth recebe um cartão de despedida com os dizeres “Obrigado por todos esses anos conosco. Você foi incrível.” Em seguida, a palavra “FOI” aparece isolada na tela, simbolizando a exclusão social da mulher envelhecida.	13 min 30 s – 13 min 52 s
	Elisabeth assiste o comercial televisivo da substância, em que uma voz anuncia a promessa de rejuvenescimento e “uma versão melhor de si mesma”, traduzindo a mercantilização do medo de envelhecer.	14 min 08 s – 15 min 49 s
Padrões de beleza e envelhecimento	Elisabeth desperta em um corpo rejuvenescido após injetar a substância, surgindo como sua versão jovem, Sue. A câmera contrasta a juventude idealizada e o corpo envelhecido desacordado, simbolizando a cisão identitária.	23 min 43 s – 23 min 56 s

	Sue, já substituindo Elisabeth, apresenta o programa de aeróbica com vigor e aplausos, encerrando com o bordão “cuide-se”. O enquadramento estetiza o corpo jovem, ironizando a medicalização e o culto à aparência.	41 min 03 s – 41 min 57 s
--	--	------------------------------

Fonte: Elaboração própria (2025), com base no filme “A Substância” (2024)

Portanto, as análises a seguir buscam evidenciar como a obra articula simbolicamente as dimensões biológicas, psicológicas e sociais do envelhecer, evidenciando os impactos subjetivos da cultura da juventude sobre a mulher idosa e de meia idade.

2.2.3.1 Estereótipos femininos

Na cena inicial do filme, Elisabeth grava em estúdio seu programa de aeróbica “*Sparkle Your Life*” diante de uma plateia animada, que a observa atentamente. Enquanto orienta os exercícios, ela diz: “Sintam o poder, garotas! Pensem naquele corpo de biquíni. Quer parecer uma água-viva gigante na praia?” (A Substância, 2024, 04 min 26 s – 05 min 25 s), em um tom que mistura humor e pressão estética. Nesse momento, o enquadramento destaca seu corpo tonificado e o sorriso forçado, em contraste com o cansaço que transparece nos bastidores logo depois da finalização da gravação.

Como apontam Oliveira, Neves e Silva (2018) e Martins (2013), o ideal de feminilidade ocidental é sustentado pela tríade juventude, beleza e saúde, que reduz a mulher à sua aparência. Nesse sentido, essa sequência simboliza a naturalização de discursos sobre o corpo feminino como objeto de aperfeiçoamento e exibição de imagem, reforçando o papel social da mulher como espetáculo, em que Elisabeth encarna o arquétipo da mulher que precisa ser eternamente atraente e inspiradora para as outras pela sua juventude e beleza, internalizando as estereótipos e expectativas sociais que a psicogerontologia identifica como gatilhos de sofrimento psíquico no processo de envelhecimento (Freitas; Py, 2022). Assim, o filme utiliza a ironia do autocuidado para denunciar a violência simbólica que nasce da adesão acrítica a tais padrões estéticos femininos.

Em sequência, um grupo de executivos, durante uma conversa ao telefone com Harvey, empresário na emissora responsável pelo programa de Elisabeth, discutem sobre a substituição da personagem em seu programa. Nesse momento, Elisabeth, dentro de uma cabine no banheiro masculino, escuta o diálogo de Harvey com seus colegas, em que afirma: “Precisamos que (a substituta) seja jovem. Precisamos que (a substituta) seja gostosa. [...] Como aquela velha

conseguiu ficar aqui por tanto tempo é um verdadeiro mistério. Ganhadora do Oscar uma ova. Quando foi isso? Nos anos 1930 por King Kong?” (A Substância, 2024, 06 min 24 s – 07 min 08 s). Aqui, a câmera foca no rosto de Harvey rindo e na ausência física de Elisabeth, já apagada do espaço que ajudou a construir.

Esse diálogo escancara o sexismo e estereótipo institucionalizados, reafirmando que o valor da mulher está condicionado à sua capacidade de corresponder ao desejo masculino e à juventude idealizada. Desta forma, a fala de Harvey revela a lógica capitalista que transforma o corpo feminino em mercadoria, ao associar o envelhecimento feminino a algo disfuncional e que precisa ser substituído. Sob a luz da psicogerontologia, percebe-se o impacto desse discurso sobre a identidade e a autoestima de mulheres que, ao envelhecerem, tem o seu sentimento de pertencimento social abalado. O filme, portanto, torna visível a violência simbólica de um sistema que associa a passagem do tempo à obsolescência feminina (Moreira; Collares-da-Rocha; Fornasier, 2021; Maximiano-Barreto *et al.*, 2019).

2.2.3.2 Corpo e etarismo

O tema do corpo como imagem do envelhecer emerge com potência na cena em que Elisabeth é demitida e recebe um cartão de despedida com os dizeres: “Obrigado por todos esses anos conosco. Você foi incrível.” (A Substância, 2024, 13 min 30 s – 13 min 52 s). Logo em seguida, a palavra “FOI” aparece isolada em letras maiúsculas no centro da tela, acompanhada de um silêncio desconfortável. O contraste entre a homenagem e a exclusão abrupta traduz o rompimento simbólico entre a mulher e o corpo social que a validava.

A cena descrita materializa o etarismo, discriminação baseada na idade, conceito amplamente discutido por Miani e Cordeiro (2023) ao apontarem como a mulher envelhecida é socialmente empurrada para a invisibilidade. Sob o olhar da psicogerontologia, o corpo de Elisabeth se torna território de perda e rejeição, mas também de resistência, uma vez que nele se inscrevem memórias, experiências e afetos (Berger, 2017). O “FOI” destacado representa a negação do envelhecimento natural e a tentativa de cristalizar o tempo, reforçando o sofrimento psíquico decorrente da perda de função social.

Posteriormente, em uma sequência decisiva, Elisabeth assiste na TV de sua casa ao comercial da substância, em que uma voz grave afirma:

Você já sonhou com uma versão melhor de si mesma? Mais jovem, mais bonita, mais perfeita. Uma única injeção desbloqueia seu DNA, começando uma nova divisão celular que liberará outra versão de si mesma. Esta é... A Substância. Você é a matriz,

tudo vem de você, e tudo é você. Isto é simplesmente uma versão melhor de si mesma. Você só precisa compartilhar: uma semana para uma, e uma semana para a outra. Um equilíbrio perfeito de sete dias cada. A única coisa a não esquecer é: vocês são uma só. Você não pode fugir de si mesma. (A Substância, 2024, 14 min 08 s – 15 min 49 s).

As imagens mostram alegorias a divisões celulares enquanto mãos dividem uma massa de modelar amarela em duas bolas, uma perfeitamente redonda e outra modelada de forma mais grosseira, segurando uma em cada mão. Fascinada, Elisabeth observa, ao final do comercial, seu reflexo na TV, expressando esperança, confusão e desespero.

Essa cena condensa a promessa tecnológica de negação da velhice, transformando o medo de envelhecer em produto de consumo. Ao se entrelaçar a cena com a psicogerontologia, identifica-se nesse discurso a internalização do etarismo, que leva o sujeito a buscar incessantemente a juventude como única forma legítima de existência (Freitas; Py, 2022). Assim, a retórica de “melhorar a si mesma” encobre uma violência simbólica que desumaniza o corpo e o dissocia da identidade do sujeito, tornando-se alheio ao seu próprio processo de envelhecimento e, como consequência, da finitude da vida. Destaca-se que a aceitação da própria finitude é um componente fundamental para o envelhecimento saudável, e ao negá-la, o sujeito fragiliza sua integridade psicológica e relacional consigo e com o ambiente (Papalia; Martorell, 2022).

2.2.3.3 Padrões de beleza e envelhecimento

Em uma nova cena, após injetar a substância, Elisabeth desperta em um corpo rejuvenescido, posteriormente adotando Sue como seu nome. A câmera percorre lentamente sua pele lisa, seus cabelos brilhantes e seu rosto jovem e simétrico. Enquanto isso, a “matriz”, sua versão envelhecida, permanece desacordada ao chão. A montagem alterna entre os dois corpos, enfatizando o contraste entre o vigor jovem idealizado e a fragilidade real envelhecida (A Substância, 2024, 23 min 43 s – 23 min 56 s).

A duplicação corporal opera como metáfora do conflito interno entre o corpo ideal e o corpo vivido. Assim, o ideal estético inatingível é sustentado por uma cultura que associa envelhecer à decadência (Oliveira; Neves; Silva, 2018). Sob a ótica da psicogerontologia, tal cisão representa a fragmentação da identidade que ocorre quando o corpo deixa de ser reconhecido como parte de si (Freitas; Py, 2022). Elisabeth encarna, assim, a mulher dividida entre o desejo de aceitação social e de aceitação pessoal, conflito que compromete o envelhecimento bem-sucedido (Papalia; Martorell, 2022).

Mais adiante, já como Sue, a versão jovem de Elisabeth apresenta um novo programa de aeróbica, substituindo o programa de Elisabeth. A câmera foca em seus movimentos coreografados e o sorriso permanente. Ao final, Sue repete o bordão utilizado por Elisabeth: “Muito obrigada, pessoal! Vejo vocês na semana que vem. Enquanto isso, cuidem-se” (A Substância, 2024, 41 min 03 s – 41 min 57 s) e solta um beijo para a câmera e um piscar de olho, finalizando a gravação. O público no set aplaude efusivamente, e o diretor a descreve como “perfeita”. A montagem e a iluminação destacam o corpo de Sue como espetáculo, em que pernas, abdômen, glúteos, pélvis e rosto enquadrados em planos fechados reiteram o valor da mulher como imagem.

Essa sequência escancara a estetização do feminino e a mercantilização do autocuidado, críticas atreladas a expressões da objetificação contemporânea. A psicogerontologia, aqui, reconhece nesse discurso uma das principais barreiras à vivência plena da velhice: a ausência de representações positivas do envelhecer e a substituição do cuidado integral por um cuidado performático. O bordão “cuide-se”, repetido mecanicamente, ironiza a estetização da vida, revelando que a suposta juventude conquistada é, na verdade, a negação de si, e, portanto, de qualquer possibilidade de envelhecimento autêntico (Moreira; Collares-da-Rocha; Fornasier, 2021; Martins, 2013).

Desta forma, “A Substância” (2024) transforma o horror corporal em uma alegoria sobre a angústia social feminina desencadeada perante o envelhecimento, em que as cenas analisadas evidenciam como os estereótipos de gênero, o etarismo e os padrões de beleza operam de forma integrada para moldar subjetividades e produzir sofrimento psíquico nas mulheres idosas e de meia idade. Assim, ao relacionar essas representações com a psicogerontologia, compreende-se que o enfrentamento do envelhecer exige não apenas ressignificação individual, mas também transformação cultural, de modo que o corpo envelhecido seja reconhecido não como falha, mas como continuidade da vida (Marques; Luna, 2025; Lessa, 2021; Freitas; Py, 2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas ao longo deste artigo permitiram compreender como o filme “A Substância” (2024) se articula com os fundamentos da psicogerontologia para denunciar as problemáticas relacionadas ao envelhecimento feminino e os estereótipos que o atravessam. Retomando o tema central, verificou-se que a obra de Coralie Fargeat, ao combinar elementos do horror corporal com críticas sociais, revela a forma como a sociedade contemporânea nega a velhice e supervaloriza a juventude, especialmente quando se trata do corpo da mulher. Essa

reflexão demonstra a relevância desta pesquisa, uma vez que evidencia os impactos psicológicos e socioculturais do etarismo direcionado às mulheres idosas e de meia idade e contribui para ampliar o olhar sobre a velhice a partir de uma perspectiva integradora e humanizada.

Acerca dos objetivos propostos no início do trabalho, observa-se que foram alcançados, já que a análise fílmica e de conteúdo da obra revelaram como seu enredo traduz simbolicamente as pressões estéticas e as desigualdades de gênero, confirmando a hipótese de que a narrativa cinematográfica pode funcionar como um instrumento de reflexões críticas e psicopedagógicas na desconstrução dos estereótipos etários femininos. Ainda, os resultados obtidos evidenciam que a psicogerontologia, ao propor o reconhecimento da velhice como uma etapa legítima do desenvolvimento humano, oferece importantes subsídios para a promoção da saúde mental e da qualidade de vida da mulher idosa, fortalecendo seu protagonismo e sua autonomia diante das transformações do envelhecer.

Quanto à metodologia, observou-se que a combinação entre análise fílmica e análise de conteúdo foi adequada e eficaz para os propósitos desta pesquisa, permitindo interpretar o filme de forma sistemática, categorizada e crítica. Ainda assim, reconhecem-se limitações inerentes à abordagem qualitativa, como a impossibilidade de generalizar os resultados e a subjetividade interpretativa que caracteriza a leitura simbólica das cenas. Apesar dessas restrições, a metodologia mostrou-se consistente e coerente com os objetivos, possibilitando a construção de um diálogo entre arte e ciência que enriquece o campo da psicologia e da gerontologia.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de ampliar os estudos sobre o envelhecimento feminino sob a ótica psicogerontológica, incentivando novas investigações que explorem outras produções culturais e midiáticas. Propõe-se, também, que futuras pesquisas aprofundem a análise sobre as estratégias de enfrentamento e resignificação da velhice, especialmente entre mulheres em diferentes contextos socioculturais. Assim, o presente trabalho contribui para a construção de uma visão mais empática, crítica e inclusiva sobre o envelhecer, reafirmando a necessidade de políticas e práticas que valorizem a dignidade, a saúde mental e o sentido de vida singular e plural das mulheres idosas.

REFERÊNCIAS

A SUBSTÂNCIA (The Substance). Direção: Coralie Fargeat. Produção: Working Title Films, A Good Story, Blacksmith. Distribuição: Mubi (Reino Unido/EUA/América Latina), Metropolitan Filmexport (França). 2024. Duração: 141 min. Disponível em:

<https://www.primevideo.com/-/pt/detail/A-Subst%C3%A2ncia/0K4UQ0IMJG5B1MCKFFOFV4I2BN>. Acesso em: 09 jun. 2025.

ALMEIDA, A. V. *et al.* A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 14, n. 1, p. 115-131, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321540660010>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3 Reimp. da 1 Ed. São Paulo: EDIÇÕES 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

BERGER, K. S. **O Desenvolvimento da Pessoa - Do Nascimento à Terceira Idade**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788521634270/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BONALUME, C. R. *et al.* Mulheres, trabalho e lazer no Brasil: entre tempos, gostos, desejos e a fruição de um direito. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 2, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8NFPqwrPs9rtPK8gzkBRCR/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CARRARA, F. F.; VINAGRE, C. G. C. DE M.; PEREIRA, L. L. Percepção do envelhecimento: mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estéticos. **Revista de psicologia**, v. 14, n. 49, p. 38-50, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2309>. Acesso em: 15 out. 2025.

COSTA, A. M.; RIBEIRO, M. B.; GATTO, M. F. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E SEGREGAÇÃO OCUPACIONAL: Um Recorte de Gênero. **Revista Cronos**, v. 22, n. 1, p. 7-23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/22047>. Acesso em: 10 nov. 2025.

COZZOLINO, A. S. M.; GATTI, A. L.; SALLES, R. J. Atividade, sentimentos e percepções de mulheres diante do processo de envelhecimento. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 39, n. 96, p. 25-32, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-711X2019000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 15 out. 2025.

CRUZ, M. S.; BERNAL, R. T. I.; CLARO, R. M. Tendência da prática de atividade física no lazer entre adultos no Brasil (2006-2016). **Cad. Saúde Pública**, v. 34, n. 10, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/6797>. Acesso em: 10 nov. 2025.

DANIEL, F.; SIMOES, T.; MONTEIRO, R. Representações sociais do «envelhecer no masculino» e do «envelhecer no feminino». **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 26, p. 13-26, 2012. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2025.

DAWALIBI, N. W. *et al.* Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 30, n. 3, p. 393-40, 2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/8642>. Acesso em: 15 set. 2025.

ESPERANDIO, M. R. G. *et al.* Envelhecimento e espiritualidade: o papel do coping espiritual/religioso em pessoas idosas hospitalizadas. **Interação psicol**, v. 23, n. 2, p. 268-80, 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/bd06dfa00b0c9e79960a9a8f29d29de8/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2049082>. Acesso em: 15 set. 2025.

FERREIRA, V. N. *et al.* MENOPAUSA: MARCO BIOPSISSOCIAL DO ENVELHECIMENTO FEMININO. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 410-419, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wb8Js5hSLSnXVJ4LkqBCvLt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2025.

FORNER, F. C.; ALVES, C. F. Uma revisão de literatura sobre os fatores que contribuem para o envelhecimento ativo na atualidade. **Revista Universo Psi**, v. 1, n. 1, p. 150-174, 2020. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/psi/article/view/1297>. Acesso em: 15 set. 2025.

FREITAS, E. V; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. Disponível em: <https://dmapk.com.br/wp-content/uploads/2025/03/Tratado-de-Geriatria-e-Gerontologia-5ed.-2022.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LESSA, C. R. M. O envelhecimento na contemporaneidade: o papel do profissional de psicologia em uma sociedade que envelhece. **Revista Longeviver**, São Paulo, v. 3, n. 11, p. 63-64, jul./ago./set. 2021. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/download/924/985>. Acesso em: 15 set. 2025.

LOPES, L. M.; HOLANDA, J. M. C. Etarismo estrutural feminino e a importância das políticas públicas de enfrentamento ao preconceito contra a mulher idosa no Brasil. **VirtuaJus**, v. 8, n. 15, p. 55–70, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/31997>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. (orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**. Artmed Editora, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/756652161/524794480-Neuropsicologia-Do-Envelhecimento-Uma-Abordagem-Multidimensional-1>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARQUES, J. P.; LUNA, G. L. M. Etarismo e saúde mental: reflexões sobre o preconceito contra o envelhecimento e estratégias de enfrentamento. **Revista Interdisciplinar de Cuidados e Inovação em Saúde (RICIS)**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 28 jul. 2025. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/RICIS/article/view/871>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARTINS, M. B. Violência silenciada: violência física e psicológica contra idosos no contexto familiar. **BIUS - Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 4, n. 1, p. 55-68, 2013. Disponível em:

<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/882>. Acesso em: 15 out. 2025.

MAXIMIANO-BARRETO, M. A. *et al.* A FEMINIZAÇÃO DA VELHICE: UMA ABORDAGEM BIOPSIKOSSOCIAL DO FENÔMENO. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 8, n. 2, p. 239–252, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/6076>. Acesso em: 15 out. 2025.

MIANI, L. F.; CORDEIRO, S. N. Narrativas de mulheres sobre o processo de envelhecimento feminino: reflexões a partir de uma perspectiva psicanalítica. **Psicologia Argumento**, v. 41, n. 112, p. 2827–2849, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/29624>. Acesso em: 15 out. 2025.

MOREIRA, L. V. C.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; FORNASIER, R. C. Representações sociais sobre a velhice, o envelhecer e o ser velho segundo homens e mulheres idosos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/85609776/20987.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

NERI, A. L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HniADwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&ots=pozxAFY3pq&sig=F0hsL81VJQIEp wf2arsORVp0GN0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 15 out. 2025.

NOVO, R.; PRADA, A. A velhice na perspectiva do gênero: diferentes olhares. **RIAGE - Revista Ibero-Americana de Gerontologia**, v. 7, n. 7, p. 52–62, 2025. Disponível em: <https://riagejournal.com/index.php/riage/article/view/262>. Acesso em: 11 nov. 2025.

OLIVEIRA, E. L.; NEVES, A. L. M.; SILVA, I. R. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. 1-10, 2018. Disponível em: https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/ve4oN?_s=pqeqnhbvUNe89OMNXNeNDziQXlo%3D. Acesso em: 10 nov. 2025.

OLIVEIRA, O. D. *et al.* VULNERABILIDADE E ENVELHECIMENTO HUMANO, CONCEITOS E CONTEXTOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 27, n. 1, p. 71-90, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/98223>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2022. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558040132/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

PEREIRA, F. A.; OLIVEIRA, A. J. F. de. Atividades Cognitivas e Envelhecimento Cognitivo Saudável: Perspectiva Psicológica. **Revista Mythos**, v. 16, n. 2, p. 105–113, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.unis.edu.br/mythos/article/view/916>. Acesso em: 15 set. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: Métodos e Técnicas da Pesquisa E do Trabalho Acadêmico**. 2ª Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, A. P.; SCHUTZ, G. E. Reflexões sobre o envelhecimento e bem-estar de idosas institucionalizadas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 2, p. 191-202, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/ZKZFzLcXk3shr6nqRrb4pCP/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

RIBEIRO, P. C. C. A psicologia frente aos desafios do envelhecimento populacional. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 8, n. spe, p. 269-283, dez. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2025.

RIBEIRO, P. C. C. *et al.* Variabilidade no envelhecimento ativo segundo gênero, idade e saúde. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 3, p. 501-509, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/4P69FzzH45Td6KS7WfRzP8t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2025.

SANTOS, W. J. *et al.* Enfrentamento da incapacidade funcional por idosos por meio de crenças religiosas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 8, p. 2319-2328, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2013.v18n8/2319-2328/pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (SECOM). **Censo: número de idosos no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos**. Portal do Governo Federal, 27 out. 2023. Atualizado em 27 out. 2023 às 11h58. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/censo-2022-numero-de-idosos-na-populacao-do-pais-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 01 set. 2025.

SILVA, R. C. F. *et al.* “IR À IGREJA OU À ACADEMIA?”: Um estudo acerca do coping religioso no processo de envelhecimento do indivíduo. **Revista de Investigação Biomédica**, v. 17, n. 1, p. 82-109, 2025. Disponível em:

[//portalderevistas.grupoceuma.com.br/index.php/RIB/article/view/594](http://portalderevistas.grupoceuma.com.br/index.php/RIB/article/view/594). Acesso em: 15 set. 2025.

SILVA, T. R. Fundamentos da análise fílmica: um breve panorama teórico-metodológico. **Revista Livre de Cinema – RELICI**, v. 11, n. 4, p. 17-31, out./dez. 2024. Disponível em: <https://www.relici.org.br/index.php/relici/article/view/756>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVA, W. J. *et al.* SAÚDE DO IDOSO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: POLÍTICAS PÚBLICAS E DESAFIOS À CIDADANIA. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 1, p. 1093–1103, 2024. Disponível em: <https://bjhs.emnuvens.com.br/bjhs/article/view/1198>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVEIRA, P. L.; MACHADO, R.; SILVA, D. REINVENTAR O ENVELHECER A PARTIR DA ESCUTA: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA SOCIAL COM MULHERES IDOSAS ACOLHIDAS EM UMA CASA DE REPOUSO. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 5, p. 1049–1083, 2025.

Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18884>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUTO, K.; MOREIRA, M. R. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: protagonismo do movimento de mulheres. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 130, p. 832-846, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4JncpcMDZ7TQ9Hd7dkMPMpt/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

TORRES, T. L. *et al.* Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 209–218, jan./mar., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/S4t5hGpYDWCZ776W3jMLmmz/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO. **Educação em Revista**, v. 41, n. 41, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/49377>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VIEIRA, R. S. e S.; LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 947–958, dez, 2015. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7035/2/EstereotiposIdososCrenças.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WOLLMANN, P. G. A *et al.* A autopercepção do envelhecimento e sua relação com o perfil psicológico de gênero. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 24, n. 1, p. 161–178, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/53899>. Acesso em: 15 out. 2025.

ZIBETTI, M. R. *et al.* Estudo comparativo de funções neuropsicológicas entre grupos etários de 21 a 90 anos. **Neuropsicologia Latinoamericana**, v. 2, n. 1, p. 55-67, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4395/439542490007.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.